

PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO DA EPILEPSIA: TRAÇADOS DE SUBVERSÃO EM EPILÉPTICO DE DAVID B.

Ludimila Moreira Menezes.¹

RESUMO: Este artigo pretende analisar o romance gráfico *Epiléptico* (2007-2008), de David B, com enfoque em sua narrativa autobiográfica. Dessa forma, a representação da epilepsia, a emergência dos discursos que reivindicam sua domesticação, bem como os enfrentamentos, as negociações, insultos, estereótipos, experimentados pela família - já que ali todos os membros carregam as conotações morais pejorativas geradas pelo estigma da doença (*o grande mal*) do irmão mais velho do narrador - figuram entre as prioridades das minhas problematizações. Serão consideradas as discussões de Michel Foucault sobre a genealogia da anormalidade, os modos de subjetivação, resistência. O artigo investiga como o desassossego do irmão narrador transmutado na elaboração de desenhos delinea espaços de combate, resistência.

Palavras- chaves: estigma – epilepsia – desenhos -- subjetivações – resistência

“Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários”. Michel Foucault.

Enquanto o personagem Gregor Samsa, de *A Metamorfose* (1915) de Franz Kafka, a partir de uma certa manhã, depois de sonhos intranquilos, encontrava-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso, envolvido pelo estigma da exceção do discurso familiar, em *Epiléptico* (2007-2008), de David B, todos os membros da família carregam as conotações morais pejorativas geradas pelo estigma da doença do irmão mais velho do narrador: a epilepsia.

¹ Ludimila Moreira Menezes é mestranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB).

Este artigo pretende analisar o romance gráfico *Épiléptico*, com enfoque em sua narrativa autobiográfica. Editado em seis volumes entre 1996 e 2003 pela L'Association, editora francesa que teve David B como membro fundador, *L'Ascension du Haut Mal* (título original do romance gráfico) se transfigura aqui no Brasil em *Épiléptico 1 e 2* com edições pela Conrad em 2007 e 2008. Dessa forma, a representação da epilepsia, a emergência dos discursos que reivindicam sua domesticação, bem como, os enfrentamentos, negociações, insultos, estereótipos, experimentados pela família e por Jean Christophe figuram entre as prioridades das minhas problematizações

Nesse sentido, a narrativa autobiográfica de Pierre-François Beauchard, que no transcorrer do enredo assume o catártico nome, David B, se conduz para a representação da conflagração dos discursos que insistem em tratar/curar a família do “epiléptico”, dos estereótipos decalcados no irmão. No repertório das angústias, medos provocados pela doença, o desassossego do irmão-narrador é transmutado na elaboração de desenhos que não só problematizam o olhar do outro (médicos, místicos, religiosos) ao irmão que se torna abjeto para o social, como também criam outros-espacos de combate, resistência através das narrativas visuais com seus símbolos e significações.

No rastro das inquietações de *Épiléptico*, o autor explora os olhares dos outros (inclusive o seu) e suas dimensões homogeneizadoras à identidade de Jean-Christophe. Assim, o enfoque dado a essas problematizações pelo narrador revela o descompasso entre os processos de normatização do “anormal” que reivindicam o controle, a cura, mas entregam dor, exclusão, fluxos de sujeição.

Reporto-me assim às discussões de Erving Goffman (2008) sobre a política coerente de identidade defendida tanto pelo humanismo quanto pelas ciências médicas, à medida, portanto, que sublinho seu argumento de que ao indivíduo estigmatizado não é oferecido o território e as dimensões políticas das escolhas. Sobre a epilepsia o autor expõe que:

Isso fica ainda mais evidente no caso da epilepsia. Desde os tempos de Hipócrates, aqueles que descobriam que sofriam desse tipo de doença tinham assegurado um eu fortemente estigmatizado pelas operações definicionais da sociedade. Essas operações ainda continuam mesmo que o dano físico causado pela doença seja insignificante e mesmo que muitos especialistas empreguem atualmente o termo para referir-se somente a acessos para os quais não se descobre uma causa médica específica (e que são, portanto, menos estigmatizadores). Nesse caso, o ponto no qual a ciência médica deve retratar-se é o ponto em que a sociedade pode agir de maneira mais determinativa. (GOFFMAN, 2008, p.135)

Nas formações discursivas sobre a epilepsia presentes no romance gráfico de David B., operam saberes que investem sobre o corpo do irmão um corolário de práticas reguladoras

polícia para a vigilância, as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas para a correção. É assim que, no século XIX, desenvolve-se, em torno da instituição judiciária para lhe permitir assumir a função de controle dos indivíduos ao nível de sua periculosidade, uma gigantesca série de instituições que vão enquadrar os indivíduos ao longo de sua existência; instituições pedagógicas como a escola, psicológicas ou psiquiátricas como o hospital, o asilo, a polícia, etc. Toda essa rede de um poder que não é judiciário deve desempenhar um das funções que a justiça se atribui neste momento: função não mais de punir as infrações dos indivíduos, mas de corrigir suas virtualidades. (FOUCAULT, 2009a, p.85-86)

Tanto o domínio discursivo quanto o campo médico de intervenção à epilepsia como um fenômeno autônomo e desligado das práticas eclesiais de direção da consciência (as chamadas possessões e mais precisamente à convulsão) são analisados por Michel Foucault como um processo de confiscação da carne pelo poder laico da medicina a partir de fins do século XVIII:

De um lado, a convulsão vai se tornar, desde o século XVIII, um objeto médico privilegiado. De fato, a partir do século XVIII, vemos a convulsão (ou todos os fenômenos aparentados à convulsão) constituir essa espécie de grande domínio que vai ser tão fecundo, tão importante, para os médicos: as doenças dos nervos, os vapores, as crises. O que a pastoral cristã organizou como carne está se tornando, no século XVII, um objeto médico”. (FOUCAULT, 2002, p. 281)

Nesse burburinho de reflexões epistemológicas, aproximo-me dos acontecimentos discursivos para deslindar algumas das seguintes problematizações: como são constituídas as formas de exclusão ao irmão epilético, à sua família na narrativa do quadrinista francês; como as relações, encontros entre saber médico, religioso, espiritual e identidade familiar se delineiam nos discursos e os desenhos? Essas questões alinhadas com o mapeamento dos combates, das resistências ressaltam a importância da narrativa literária em dar espaço de fala aos deslocados do centro das metanarrativas hegemônicas.

A memorabilia da criança Jean-François, que levava o apelido Fafou no ambiente familiar se revela inicialmente no discurso autobiográfico como espaço de interação lúdica entre os três irmãos (Jean Christophe, Jean François e Florence). O repertório da infância se manifesta em registro dramático onde o domínio do preto e branco esboça força, realismo, dor. Realismo que se contrapõe ao arsenal subversivo das imagens oníricas inscritas em florestas imaginárias ao redor da casa da família que evocam suas fugas da epilepsia e da solidão.

Ancorado no imaginário de guerras, destaca-se nesse contexto a relação de David com seu avô materno, que combatente da segunda guerra mundial e solidário aos judeus, morre ainda na infância dos netos e reaparece na narrativa junto com outros seres fantásticos do jardim. Esta noção de desenhar para escapar da solidão, com efeito, se realiza efetivamente na

experiência com seus desenhos de batalhas na infância e depois com seus traços na adolescência, da floresta imaginária e seus convivas que são também seus interlocutores, companhias. Sobre a importância da escrita de si como prática de liberdade Michel Foucault observa que ela: “atenua os perigos da solidão; dá ao que se viu ou pensou um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro” (FOUCAULT, 2009b, p.130).



Figura 2. B, David. *Epileptico 2*, p.121.

Em perspectivas, sequências que acenam ao expressionismo alemão e norte americano (George Grosz, Marx Ernest, Edward Gorey) David B. apresenta a quebra dessa harmonia ficcional. É aqui, que a figura da epilepsia, retratada com uma entidade zoomórfica adentra as entranhas domésticas e os arrabaldes públicos para tracejar sensações opressivas, desestabilizar o mundo das aventuras, das brincadeiras, dos desenhos produzidos em conjunto com o irmão. Os desenhos são marcados antes pela fúria, medo, revolta do que por uma conotação da resignação.

Sob esse prisma, acredito que os desenhos de David B. em sua dor se aproximam das reflexões delineadas por Susan Sontag, que além de questionar a banalização do sofrimento alheio nas fotografias de guerra aborda como a representação da dor possibilita a luta contra a indiferença:

Os estados definidos como apatia, anestesia moral ou emocional, são repletos de sentimentos; os sentimentos são raiva e frustração. Mas, se ponderarmos quais emoções seriam desejáveis, parece

demasiado simples escolher a solidariedade. A proximidade imaginária do sofrimento infligido aos outros que é assegurada pelas imagens sugere um vínculo entre os sofredores distantes – vistos em close na tevê – e o espectador privilegiado, um vínculo simplesmente falso, mais uma mistificação de nossas verdadeiras relações com o poder. Na mesma medida que sentimos solidariedade, sentimos não ser cúmplices daquilo que causou o sofrimento. Nossa solidariedade proclama nossa inocência, assim como proclama nossa impotência.(...) Pôr de parte a solidariedade que oferecemos aos outros, quando assediados por uma guerra ou por assassinatos políticos, a fim de refletirmos sobre o sofrimento deles e podem – de maneiras que talvez preferamos não imaginar – estar associados a esse sofrimento, assim como a riqueza de alguns pode supor a privação para outros, é uma tarefa para a qual as imagens dolorosas e pungentes fornecem apenas uma centelha inicial” (SONTAG, 2003, p.85-86)

No transcorrer de *Epiléptico* as transfigurações da epilepsia no híbrido meio serpente, meio dragão, nas sombras brancas e pretas condensam e anunciam as conotações mais recorrentes no imaginário ocidental: pecado, mácula, ameaça, medo. Por mais que a epilepsia tivesse sido expulsa do campo da direção espiritual no transcorrer do século XVIII e XIX conforme os estudos foucaultianos apontam a psiquiatria a recodifica e coloca a convulsão como modelo neurológico da doença mental:

É que, com o instinto, temos toda uma nova problemática, toda uma nova maneira de colocar o problema do que é patológico na ordem da loucura.(...) Existe uma tecnologia para curar os instintos? É assim vocês estão vendo, que o instinto vai se tornar, no fundo, o grande tema da psiquiatria, tema que vai ocupar um espaço cada vez mais considerável, coincidindo com o antigo domínio do delírio e da demência, que havia sido o núcleo central do saber da loucura e da prática da loucura até o início do século XIX. As pulsões, os impulsos, as obsessões, a emergência da histeria, a utilização do modelo da epilepsia como pura e simples libertação dos automatismos motores ou mentais, tudo isso vai ocupar um lugar cada vez maior, cada vez mais central, no interior da psiquiatria. (FOUCAULT, 2002, p.166)

O impacto do saber médico sobre a epilepsia ganha contornos tensos na narrativa a partir do seguinte enunciado: “Senhora, seu filho é mau!” (B., 2007, p.20).



Figura 3. B, David. *Epiléptico 1*, p.20.

Aqui, as matrizes de sentido sinalizam uma trajetória marcada pelo estigma, pela falta de espaços de interação, diversão, aprendizado oferecidos à Jean Christophe. Michel Foucault argumenta que tudo que é desordem, falta de afeto, indisciplina, agitação, indocilidade, caráter recalcitrante, tudo isso ganha espaço na medicina e pode ser psiquiatrizado. (FOUCAULT, 2002, p.203)

Em *Epiléptico*, a busca pela cura da epilepsia invade os projetos familiares e inunda suas existências de frustração. Essa nova mecânica das relações de poder (cura, correção, confinamento) tem como efeito melhorar a vida da família e é a partir das dessas patologizações reiteradas que o irmão gradativamente se torno um estranho para seus irmãos: Davi B. e Florence. Nos rastros dessas peregrinações, a epilepsia passa a ser entendida pelo irmão narrador como um monstro forte e disposto a destruir todos os irmãos, nasce aí uma necessidade de ser mais forte, vigoroso e combatente que a doença. Os efeitos insurgentes dos

desenhos afastam David B. de um cotidiano marcado pela dor, o investe de força para não tombar mediante o medo de ser cooptado pelas crises de epilepsia, além disso, conferem um sentido lúdico a sua existência envolvida pela solidão.

Na empreitada autobiográfica de David B. Jean Christophe é capturado como o abjeto, violento, louco tanto por instituições: escola, polícia, hospital como pelas crianças da vizinhança. É a partir dessas representações reverberadas pelo imaginário social que percorrem as críticas do narrador dirigidas as atuações insistentes dos pais na busca desvairada pela cura da doença. Será que se não tivessem se metido nesses espaços de correção e controle, a vida com o outro não seria mais dinâmica, a invisibilidade dos irmãos David e Florence se dissiparia, a distância entre os membros da família seria reduzida?

No mundo familiar, a luta constante e desigual entre o doente e a doença, o apego ao discurso psiquiátrico os coloca em confronto com a noção moral de anormalidade e cooptados por mecanismos de vigilância propugnados por essa dita “ciência”, Jean Christophe experimenta algumas interações. A partir das discriminações na narrativa efetuadas pelos campos de saber rastreados pela família, cabe mencionar, os discursos místicos que alertam para a conexão espiritualizada da doença com as outras vidas (B., 2007, p.154) e para o potencial perigo dos estigmatizados (B., 2008, p.143-144). É pertinente nesse contexto, a discussão de Goffman sobre estigma e identidade social:

Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original e, ao mesmo tempo, a imputar ao interessado alguns atributos desejáveis mas não desejados, frequentemente de aspecto sobrenatural, tais como “sexto sentido” ou percepção. (GOFFMAN, 2008, p.15)

As intervenções de cada campo procurado engendravam além das atualizações dos estereótipos, regulamentações e normatizações ao corpo que deveria ser corrigido para o bem familiar e social. Nesse sentido, destaco que entre: a neuropsiquiatria, terapia, psiquiatria, macrobiótica, acupuntura, protestantismo, misticismo; videntes; alquimia, magnetizador, homeopatia, análise transacional, escola Rudol Steiner, ouija, voodoo, igreja Swedenborgiana, peregrinação à Lourdes, exorcismo, remédio vindo dos EUA, as promessas de cura estavam intimamente ligadas à correção dos desvios comportamentais do irmão que assombravam o imaginário social.

Vale ressaltar dessa plataforma de intervenções, a solução religiosa do catolicismo, o ritual de exorcismo, que promove não só o estranhamento de David B. como a ironia registrada por um de seus convivas imaginários do jardim, o demônio, que empreende o seguinte diálogo cômico com o narrador: “No corpo do seu irmão só há ele. E ele está bem

sozinho. Quanto a deixar o corpo, ele mesmo faz isso muito bem. Não precisa de ninguém. Muito menos de mim”. (B., 2008, p. 68)

Segregação da vizinhança, bullying, autodepreciação, diagnósticos, sentenças morais alocadas na doença, nas performances sociais afastam em ritmo acelerado Jean Christophe do convívio familiar. Os retratos do confinamento, distanciamento são dolorosos, as cores pretas e brancas de Davi penetram a solidão do irmão e o sentimento de impotência do autor. Nesse sentido, a cura/correção do irmão de David B. reivindicada por distintas instâncias de poder faz parte de um dispositivo que delinea o que é a normalidade (normas de identidade) e que regula expectativas sociais e, por conseguinte os desvios: o anormal.

Epiléptico traça um panorama das dores, combates fomentados por um entrecruzamento dos processos de formação de estereótipos e da possibilidade de manifestação dos diferentes modos de subjetivação dos seres humanos. É através de noções como a de mal incurável (B., 2007, p.122), que percebo na narrativa, agenciamentos imersos em modos prescritos de sociabilidade para o irmão de David B.

A relação estabelecida por Jean Cristophe com a ep ilepsia incorpora os saberes institucionalizados, as regras de um discurso que o toma como sujeito-objeto. Uma ilustração dessa assertiva é apresentada pelo uso que Jean Christophe faz da epilepsia para ganhos secundários no ambiente doméstico (B.,2008, p.56). Nesse sentido, Erving Goffman pontua que os estigmatizados incorporam padrões do referente “normal” (pelos modos de socialização), apreensões patologizadoras de sua condição que os fazem aceitar e produzir representações ancoradas na vergonha, no auto-ódio:

Ademais os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que ele ficou abaixo do que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não portador dele. (GOFFMAN, 2008, p. 17)

Na esteira do verso rimbaudiano “Eu é um outro” o irmão narrador discute os pressupostos do olhar estigmatizante na dinâmica das relações sociais (isolar, anular, silenciar, curar), assim como explicita sua potencialidade de extensão aos familiares do estigmatizado. No que concerne, a sua experiência focalizo a estadia na Escola de Artes Aplicadas em Paris, sua decisão de não exteriorizar inicialmente a doença do irmão aos colegas, amigos. O receio das especulações, dos estereótipos se materializa a partir do momento que David B. revela a epilepsia do irmão: “Então começo a sair um pouco da minha

concha. Falo do meu irmão para as pessoas a minha volta. Mas elas sempre fazem a pergunta que eu detesto: Como é uma crise de epilepsia?” (B., 2008, p. 157)

Desse modo, é emblemática tanto a abordagem da amiga Sophie (Escola de Artes Aplicadas) em relação às histórias familiares de Davi B.: “Toda essa história do seu irmão é pesada demais” (B., 2008, p.157) quanto da namorada Hélène: “David, eu quero casar e ter um filho. Mas... você precisa perguntar aos seus pais se a epilepsia é hereditária” (B., 2008, p.166), pois ambas explicitam a potencialidade de extensão do estigma.

No enfoque das representações da epilepsia e das crises, David B. opta por retratar as batalhas, denunciar o descompasso nas relações de força entre o grande mal e o irmão. No espaço imagético da narrativa a intimidação, o incomodo se traveste de artefatos bélicos, feéricos e sonda, tateia espaços possíveis para debelar esse monstro. O julgamento espraiado na narrativa de que o irmão não explorava suas forças, e se deixou tombar é trabalhado no final do segundo volume quando em galopes encantados os dois irmãos em uma espécie de acertos de contas revolvem suas experiências com a doença; o estigma; o medo e a resistência. Jean Christophe visivelmente machucado, com cicatrizes, deformações desabafa com o irmão: “Eu lutei David! Mas não é fácil lutar dormindo. Os remédios me derrubam. Estou sempre fora de combate”. (B., 2008, p.203)

Ao redimensionar a estrutura de uma narrativa autobiográfica incorporando a linguagem gráfica, o autor distende o conceito de literatura, desmembrando-a de sua áurea canônica e tradicional ainda reivindicada em algumas ementas escolares e acadêmicas. Em *Epiléptico*, relacionam-se os traçados de subversão (desenhos) com as práticas da escrita de si e surge um contra-lugar onde a transvaloração dos sentidos negativos inaugura espaços para que o irmão narrador escape do assujeitamento, solidão imputados pelas sentenças sociais da epilepsia. O potencial inventivo que reside na narrativa gráfica inventa formas de relação do autor consigo e com o mundo das normas. O ponto de onde emerge os traços de subversão são antes as representações incompletas do irmão (pela força devastadora da epilepsia), a ânsia de descobri-lo além dos estereótipos do que somente a vontade de escapar do grande mal.

Ante a sensação perene que o atravessa em seu arquivamento do eu, o de ser vigiado pela loucura (B., 2008, p. 132) , localizo a importância dos desenhos, histórias e do imaginário das guerras lidas e apreendidas na infância para a produção do seu arsenal de combate, para a composição de sua narrativa autobiográfica. É emblemática a tira que o apresenta em sua armadura pronto para debelar a entidade zoomórfica que desestabilizou seu núcleo familiar (B., 2008, p.9).

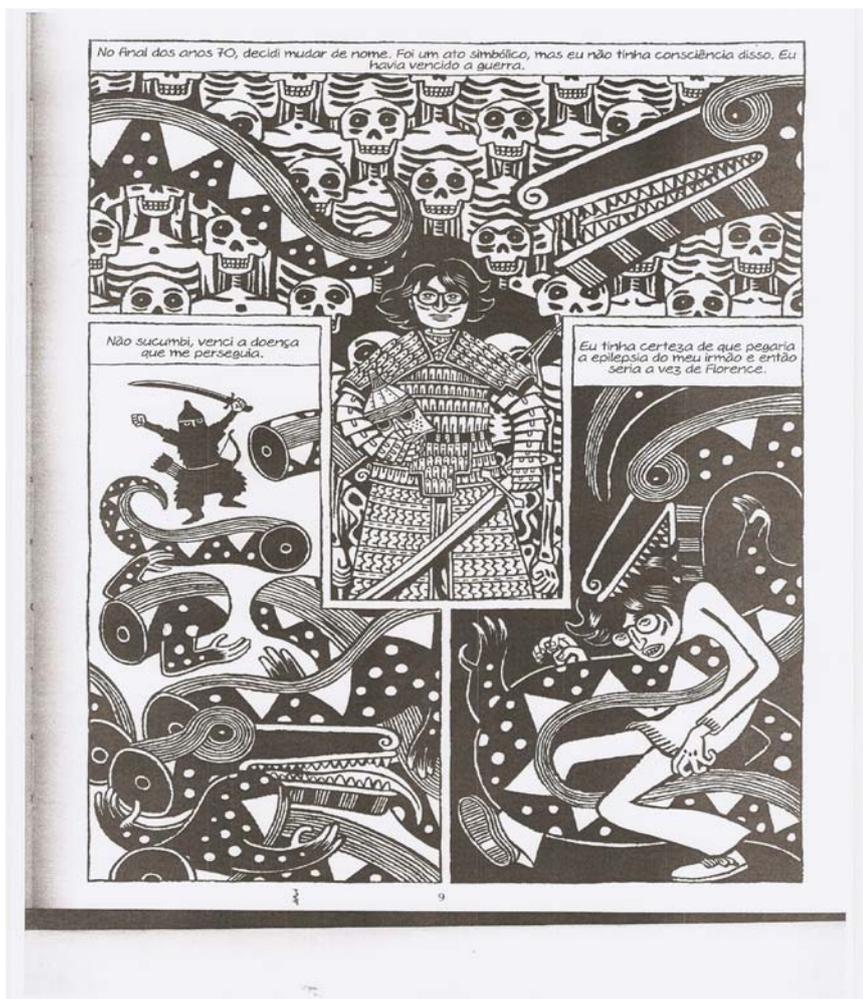


Figura 4. B, David. *Epilético 2*, p. 9.

Dessa forma, evoco a arte gráfica como uma materialização da luta de Davi B. para além do diagnóstico da epilepsia. Há que se destacar, ainda, outro efeito de sentido apreendido na análise discursiva de *Epilético*: a solidão dos irmãos Jean François e Florence, que lançados nos meandros da cura procuram em seus silêncios espaços de comunicação, acolhimento.

Entre as tautologias das religiões e as sentenças de confinamento do discurso médico os pais assistem ao aumento da intensidade das crises do filho mais velho e empreendem um distanciamento dos outros filhos. A invisibilidade dos irmãos é ilustrada em um sonho de 1999 registrado pelo autor como “Os beijos”:

Estou num canto do jardim que se parece com um campo de tiro ao alvo. Do outro lado, minha irmã me manda um beijo que acerta em cheio o alvo. Meu pai está na janela do primeiro andar. Ele gostaria de me beijar, mas parece hesitar. Estou em pé no vazio bem na frente dele. Mas sou invisível. (B., 2008, p. 199)

Na escalada contra o grande mal a prática do arquivamento do eu abre sendas para o sonho, o criativo, o possível, sob esse aspecto, Philippe Artières argumenta que: “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo” (ARTIÈRES, 1998, p.29). Assim as representações imagéticas dessa escalada interagem com a necessidade urgente de David B. de ir além da ordem do discurso médico e religioso, em condições de guerra, muitas vezes com uma armadura que gruda na pele e o isola (B., 2007, p.173)

É nesse sentido, que a narrativa autobiográfica de David B. constrói um espaço político de resistência social ao questionar se essas buscas incessantes não apagaram as possibilidades identitárias do irmão mais velho circunscrevendo seus modos de subjetivação ao roteiro, papel de um Epiléptico e nada mais que isso. Em torno dessa perspectiva, destaco a discussão de Michel Foucault ao tratar das heterotopias, espaços efetivos da sociedade, onde códigos sociais normativos não têm força, que abrigam contestações simultaneamente míticas e reais do espaço que vivemos, para pensar no romance gráfico de David B.:

Enfim, o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante uma função. Esta se desenvolve entre dois pólos extremos. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada (...) Ou pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso. (FOUCAULT, 2006b, p.420-421)

No que concerne a este debate, nota-se que ao tomar a narrativa gráfica como espaço real que acolhe o imaginário, *Epiléptico* trabalha com espaços que não legitimam, acatam os estigmas da epilepsia, como por exemplo, o jardim fantástico, o quarto onde David B. desenha. Dessa forma, a escrita de si desponta como registro de sua ansiedade, de sua denúncia aos preconceitos, assim essa prática de escrever para si e para outrem como exercício de mostrar-se, dar-se a ver oferece, desenvolve espaços para que se problematize o sujeito unívoco, homogeneizado, uniformizado pelos discursos da sociedade.

Minha hipótese, que articula que os retratos da epilepsia assumem diferentes matizes nos desenhos em preto e branco, é a de que o quadrinista quis dar um sentido problematizador aos olhares dos outros ao seu irmão, aos encarceramentos que o tornaram chapado, às condenações que não deram espaço ao corpo material criativo e irrequieto de Jean Christophe. E para explorar esse universo do espanto diante da dor do outro, David B. expõe como ele e

os irmãos se mantiveram apreensivos com a crise de outra criança quando estavam visitando a escola antroposófica (B., 2008, p.90)

A epilepsia definida pelo irmão narrador “como um relógio que comanda nossa vida” (B., 2007, p.88), apresentada como um adversário invisível que destrói com seus golpes toda a família, parece unir, nos mais variados espaços um corpo ávido para o espetáculo das crises, para a chegada de um dispositivo de controle que a corrija e a elimine. É recorrente no transcorrer da narrativa o aparecimento de bombeiros, policiais e de pessoas amedrontadas com as crises.



Figura 5. B, David. *Epilético 2*, p.79.

Focalizada a dimensão da estrutura exclusiva, os efeitos dos preconceitos na narrativa ofertam uma profunda segregação social. Michel Foucault ao criticar todas as formas de psicologismo que reduz o ser-homem à natureza afirma que o poder psiquiátrico mascara com suas abstrações nosológicas as verdadeiras condições da patologia mental. Em uma

genealogia dessas práticas que vislumbram a cura, o filósofo expõe que até o século XVII a tolerância com os considerados anormais era observada:

Ora depois do século XVII, produziu-se uma grande ruptura: toda uma série de modalidades transformou o louco com um ser marginal em um ser completamente excluído. Essas modalidades constituíam um sistema fundado sobre a força policial tal como o internamento e os trabalhos forçados”. (FOUCAULT, 2006a, p.237)

Sobre a intenção autobiográfica, destaco na narrativa de David B., a produção de uma imagem íntima de si inscrita em movimentos de subjetivação que promovem desconstruções das forças de exclusão engendradas pelos diagnósticos da epilepsia do irmão, um cuidado de si que confere liberdade às suas escolhas, trilhas, existência. *Epiléptico* é um livro-resistência com linhas de fissura, na medida em que seus enunciados interferem no funcionamento do processo de estereotipia, nos percursos gráficos que combatem os insidiosos diagnósticos de abjeção. Com o término da leitura dos dois volumes fica a sensação de que o corpo de Jean Christophe poderia ter sido mais do que um suporte de assertivas biomédicas, que a narrativa do irmão narrador ao construir rotas de resistências que confrontam estigmas, estereótipos está imbricada de um tom fraternal que vislumbra senão a amizade, a paz do outro renegado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARTIÈRES, Phillipe. “Arquivar a própria vida”. tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1998. v. 11, n. 21, p. 9 – 34.

DAVID, B. *Epiléptico*. Volume 1. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

_____. *Epiléptico*. Volume 2. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. 2ª tiragem, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos e escritos; I*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos; III*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2009a.

_____. *O que é um autor?* Portugal: Veja/Passagens, 2009b.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro:LTC, 2008.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.